



AUG.: RESP.: BEN.: LOJ.: MAÇ.:
8 DE MAIO, Nº 87
RIO DE JANEIRO - BRASIL

INFORMATIVO A VITÓRIA

www.arblm8demaio.org



Ano 18

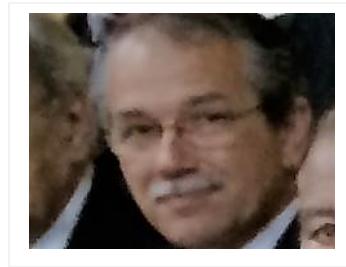
Número 169

Abril de 2018

Candidato Oficial da Loja

Em reunião realizada em 25 de fevereiro próximo passado, o Conselho de Mestres Instalados, da Loja 8 de maio, escolheu por unanimidade, o Ir.: M.:M.: **Araguary** Carvalho Filho como candidato oficial da Loja nas eleições para a Administração 2018/2019, no próximo mês de maio.

“ A Vitória” desde já, coloca à disposição do Ir.: Araguary seus espaços para as comunicações com a família da 8 de maio que precisar .



Momento de Sabedoria



Artigo do Mês

O Significado das Três Viagens na Iniciação Maçônica

Ir.: Robson Santiago, M.:I.:

Introdução

A Maçonaria Universal exige que o candidato para entrar em nossa Ordem se submeta a uma cerimônia iniciática que chamamos simplesmente de **Iniciação**.

O Objetivo principal da *Iniciação* é preparar o candidato para uma nova vida através de “purificações”, eliminar todos os vícios e preconceitos do mundo profano deixando-o “puro” como um recém-nascido.

Uma leitura menos atenta do Ritual do Grau Um pode nos levar a acreditar que essas purificações se dão apenas através da **água** e do **fogo**, entretanto simbolistas de respeito defendem a ideia que ela (purificação) se dá através dos *quatro elementos básicos da natureza – Água, Fogo, Terra e Ar*.

Sendo iniciado, o neófito encontra-se “puro” em condições, então, de ser reeducado, agora dentro da doutrina maçônica ficando apto a ajudar na construção de uma sociedade mais justa e perfeita.

Desenvolvimento

Na Introdução, citamos que a purificação se daria pelos quatro elementos, entretanto as Três viagens só falam da **água** e do **fogo** explicitamente e o ar de maneira intuitiva.

A purificação pela *Terra* se dá na Câmara das Reflexões e o objetivo deste artigo é abordar o simbolismo das três Viagens.

A Câmara das Reflexões comporta um estudo à parte que ficará para outra ocasião ou se algum leitor quiser colaborar “A *Vitória*” antecipadamente agradece.

A Primeira Viagem e a Purificação pelo Ar

Consideramos que a Primeira Viagem é a purificação pelo Ar e possui dois aspectos a serem considerados. O primeiro é o aspecto **Astronômico** caracterizado pelo caminhar do candidato pelo Templo no sentido horário; o segundo aspecto é o moral,

ou seja, é o viver do homem neste plano terrestre, com os ruídos significando sua eterna luta para vencer as paixões, vícios e preconceitos,

A viagem feita no sentido horário em torno do Altar dos Juramentos representa a marcha dos planetas em torno do Sol, conforme viam os antigos.

O simbolismo existente na 1ª Viagem, sob o aspecto moral, está evidenciado através dos ruídos ouvidos e dos obstáculos encontrados ao longo da viagem que representam o emblema da vida humana, o mundo profano, o caos inicial, o esforço que o ser humano realiza para alcançar seus objetivos.

Destacamos entre esses, o caos inicial, que acreditamos existia no início dos tempos, quando o homem sob o domínio das paixões tentava se organizar em sociedade, com a razão sempre dominada pela paixão, o que levava a uma sociedade convivendo diuturnamente com os excessos.

Edouard **Plantagenet**, grande simbolista, reúne em um único texto os dois aspectos: “ (*O Ir.: Exp.:*) *faz, portanto, simbolicamente, o Recipiendário andar do domínio da realidade objetiva (ocidente) ao domínio das hipóteses (norte) onde ele é conduzido por indução, e onde acumula erros. Mas se o orgulho, o falso saber não parar seu impulso, ele tentará atingir o jardim das realidades subjetivas (oriente). Lá suas hipóteses lhe parecerão menos racionais; ele meditará sobre a verdade e pela árida vereda da dedução (sul) ele partirá “retificando”; mas ao sofrer de repente “ a prova do Ar” ele verá o frágil edifício de suas “especulações” primitivas desmoronar-se e lançá-lo no próprio sólio desse ocidente do qual partiu para conquistar o Universo”*

A Segunda Viagem e a purificação pela Água

A Segunda Viagem tem seu clímax na purificação pela Água, ou seja, o batismo iniciático do candidato. Nesta viagem a Maçonaria trabalha a *sensibilidade e a emotividade* através de três aspectos simbólicos a saber: a natureza plana do

caminho percorrido; o tinido das armas e o som das águas.

Nesta fase o Ir.: Experto conduz o profano com passos normais (não há obstáculos a serem transpostos) orientando-o a prestar o máximo de atenção aos sons à sua volta.

O entrecocar de espadas representa a luta incessante que temos que travar no mundo terrestre contra as exigências corruptoras que tentam nos dominar.

O Iniciando logo perceberá que deve se manter afastado do combate existente ao seu redor que para sair vitorioso atravessará imperturbável, este “campo de batalha”, sem se deixar seduzir pelos vendedores de facilidades, pelos fomentadores de ódio e de segregação.

Finda a viagem o Iniciando é levado ao **Mar de Bronze**, onde é purificado pela água, ou seja, recebe seu Batismo Filosófico.

Mais uma vez recorreremos a Plantagenet. Cita ele que ao emergir as mãos do Iniciando por três vezes nas águas do Mar de Bronze,, a Maçonaria, seguindo as antigas tradições, purifica seu espírito e sua consciência corrigindo as impressões dos ensinamentos profanos. Só depois de vencida esta batalha estará apto a trabalhar pela causa maçônica.

A Terceira Viagem e a Purificação pelo Fogo

A Terceira Viagem se assemelha ao batismo pelo fogo das Antigas Tradições, já citadas.

A forma tranquila, calma e sem ruídos da viagem, indica que não existem mais obstáculos a serem transpostos. Isso nos remete da três significados.

1º) a paz e a tranquilidade nos indica que ela foi conseguida através do domínio das paixões à custa de sucessivas e constantes reflexões;

2º) estas sucessivas e constantes reflexões nos levam ao 2º significado que é a **Perseverança** do candidato em alcançar seu objetivo em chegar ao interior de si mesmo.

Para os leitores que professam religião cristã podemos acrescentar um terceiro significado à 3ª Viagem ou Batismo

do Fogo. Recorrendo-se *Lucas 3:1-6 e Marcos 1:8 vemos: “ Eu vos batizo verdadeiramente com água; porem, aquele que virá depois de mim, batizar-vos-á com o Fogo do Espírito Santo.”*

O Fogo simbolicamente representa a depuração de todos os erros que ainda estão presentes em sua alma.

O Fogo é o grande Purificador a que nenhuma impureza resiste. A purificação pelo fogo tem por objetivo despertar no Iniciando a voz de sua consciência que nos censura com severidade a cada falta ao Dever, a toda ação que se opõe ao Bem, provocando o arrependimento que nos purifica, ajuda a expiar nossas faltas e ajuda a nos reerguermos com coragem e determinação. Em resumo:

“A Purificação pelo Fogo significa ainda a eliminação das nódoas do vício, dos preconceitos, dos erros e das paixões.”
Segundo Nicola Aslan.

Conclusão

As emoções vividas no dia de nossa Iniciação, o temor do desconhecido e a completa escuridão a que nos encontramos nos impede de perceber com profundidade todo o simbolismo com que somos recebidos na Ordem.

É imperioso que a cada etapa de nossa evolução maçônica voltemos a ler o Ritual de Iniciação do Grau Um, procurando nas entrelinhas os ensinamentos que nos foram legados pelos Antigos Mistérios e que nossa honrada Instituição vem sendo guardiã ao longo dos Tempos.

Fonte: Da Iniciação Rumo à Elevação – Denizart Silveira de Oliveira Filho – Editora “ A Trolha”

Você Sabia?

Todas as segundas-feiras frequentamos o bairro de São Cristóvão.

Ao cruzar as suas ruas com casas antigas e malconservadas não temos ideia da importância que esse bairro tem na história de nossa cidade.

Visando homenagear o bairro que nos acolhe todas as semanas publicamos um resumo histórico, segundo levantamento

realizado pelo Instituto Pereira Passos, vinculado a Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio.

São Cristóvão

Antes da chegada dos colonizadores, toda a região do bairro de São Cristóvão era um grande alagado, cruzado por vários rios, que se estendia do litoral sinuoso do Saco de São Diogo, em direção norte, até os atuais morros do Telégrafo e do Pedregulho.

O acesso era difícil, a não ser por transporte marítimo. O primeiro caminho terrestre foi o caminho de São Cristóvão, que partia de Mata Porca (atual bairro do Estácio), passava por um alagadiço (atual Praça da Bandeira) e, na altura do morro do Barro Vermelho, fazia uma curva acentuada até alcançar a orla da baía de Guanabara, seguindo daí até o Caju. Hoje, esse trajeto - que cruzava pontes sobre os Rios Compridos, Trapicheiros, Maracanã e Joana - corresponderia às atuais ruas Joaquim Palhares, Ceará e São Cristóvão.

O bairro de São Cristóvão teve sua origem na grande sesmaria pertencente aos jesuítas, que se estendia do Rio Comprido até Inhaúma e que, entre 1572 e 1583, foi desmembrada nas fazendas do Engenho Velho, do Engenho Novo e de São Cristóvão. Seu nome se deve à igreja dedicada ao santo erguida pela Companhia de Jesus junto à praia habitada apenas por alguns pescadores.

Por ser uma área onde ocorriam muitas inundações, os jesuítas escolheram São Cristóvão para a sua devoção cristã e fundaram, em 1627, a igreja que deu lugar, anos mais tarde, à Matriz de São Cristóvão. Naquela época, o mar chegava às suas portas e a igreja era frequentada por pescadores.

Após sucessivos aterros, a orla desapareceu, dando lugar ao norte às indústrias, à Av. Brasil e ao Gasômetro. Até o século XVIII, a região de São Cristóvão possuía aspecto rural e era destinada à agricultura e à pecuária nas propriedades dos jesuítas, que abasteciam a Cidade. Com a expulsão dessa ordem religiosa (1759) e a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro,

em 1808, a região foi retalhada e dividida em chácaras, que foram adquiridas por ricos comerciantes.

O comerciante português Elias Antonio Lopes, cuja propriedade se estendia da orla marítima ao Rio Maracanã, doou, em 1808, sua casa e chácara à Família Real, recém chegada. Neste lugar, a atual Quinta da Boa Vista, se instalaram Dom João VI, Dom Pedro I e Dom Pedro II. São Cristóvão passou então a ser considerado uma área nobre e ganhou novo acesso pelo Caminho do Aterrado ou das Lanternas, que cruzava o Mangue (atual Av. Presidente Vargas).

A Estrada de Ferro Dom Pedro II, inaugurada no segundo reinado, invadiu o bairro, assim como a ferrovia para Petrópolis (depois Estrada de Ferro Leopoldina). Depois chegaram as linhas de bondes, inicialmente de tração animal e logo eletrificadas. Eram as linhas Alegria, São Januário, Cancela, Pedregulho e Bela de São João, que serviam como principal transporte da população. No Largo da Cancela - assim chamado por ter uma cancela colocada pelos jesuítas para a passagem dos tropeiros - começava a antiga Estrada Real de Santa Cruz, que dava acesso ao sertão, a São Paulo e a Minas Gerais.

Com o advento da República, São Cristóvão entrou em decadência, os casarões da monarquia se transformaram em cortiços e o bairro passou a se caracterizar pelo pequeno comércio, vilas e residências modestas.

A partir da década de 1930, as indústrias tomaram conta do bairro, incentivadas pelo Decreto N° 6000, de 1937. Após a explosão da indústria automobilística no Brasil, São Cristóvão, que já tinha a Avenida Brasil desde os anos 1940, passa a ser cruzado por vias expressas e viadutos, o último deles o elevado da Linha Vermelha.

Nota: A denominação; delimitação e codificação do Bairro foi estabelecida pelo Decreto N° 3158, de 23 de julho de 1981 com alterações do Decreto N° 5280 de 23 de agosto de 1985 e Lei 2672 de 8 de setembro de 1998.